

## RELAÇÃO “TRABALHO E IGREJA” À LUZ DE MT 20, 1-16

*Antonio Francisco Jacaúna Neto<sup>(\*)</sup>*

### **Resumo**

A partir de uma rápida explanação sobre o contexto em que surgiu o evangelho de Mateus, atendo-me a uma possível leitura da conhecida “parábola dos contratados para a vinha”. O artigo tem a pretensão de situar a atualidade desta fazendo uma hermenêutica desses 16 versículos sob a ótica social e eclesial. Está dividido em duas partes: na primeira aborda o contexto em que este evangelho surgiu e os conceitos-chaves desta perícopa e, na segunda, enfatiza suas possíveis implicações sociais e religiosas.

**Palavras-chave:** Reinado dos Céus. Vinha. Empregador. Salário Justo. Ser Igreja Hoje.

### **Abstract**

From a quick explanation of the context in which came to Matthew, I stick to a possible known reading "parable of the hired men to the vineyard." The article purports to situate his present time through a hermeneutical these 16 verses in the social and ecclesial perspective. It is divided into two parts: the first deals with the context in which this gospel came and key concepts of this pericope and the second emphasizes its possible social and religious implications.

**Keywords:** Reign of Heaven. Came. Employer. Fair Wage. Being Church Today.

## INTRODUÇÃO

Os estudiosos<sup>1</sup> bibliográficos são de acordo ao dizerem que o evangelho de Mateus possui uma lógica própria, por ter sido estruturado de modo peculiar. Por exemplo, coloca a grande maioria das parábolas no final do ministério de Jesus na Galiléia. É possível também que, por ser judeu e escrever para pessoas que conheciam o judaísmo, tenha recorrido à tradição comum, tanto da Escritura, quanto do estilo rabínico de contar parábolas. Neste evangelho encontram-se sete parábolas. Para o judeu sete é um número simbólico relacionado à perfeição e à criação. O significado que elas vão tendo durante a pregação de Jesus está em consonância com a literatura intertestamentária, trazendo os mesmos significados dados pelos rabinos, a saber: halakah e haggadah (STEFANI, 1993).

Para transmitir “seu evangelho”, Mateus usa uma linguagem que formula a fé cristã a partir do Jesus terreno e, por isso, dilata seu quadro biográfico, se compararmos este

---

<sup>(\*)</sup>Mestre em Teologia Bíblica pelo CES-ISI, 2003, atual FAJE. Professor de Bíblia na Faculdade Católica de Uberlândia. E-mail: antoniojacauna@gmail.com.

<sup>1</sup> Ver lista bibliográfica utilizada no final deste artigo.

quadro ao que aparece em Lucas, no capítulo 2 (ZUMSTEIN, 1990). Podemos dizer que tal fato traduz uma razão teológica. Mateus usa dados históricos, e até se permite mudá-los, com o intuito de transmitir uma teologia, qual seja, a apresentação de Jesus como cumpridor do Primeiro Testamento, que tem Moisés como personagem principal. No capítulo 5 Jesus, ao instruir os seus com as Bem-aventuranças proferidas no monte, é comparado a Moisés, que também instruiu o povo de Deus a partir da montanha, dando as tábuas da Lei. O mesmo se diga da transfiguração, no capítulo 17. Uma das fórmulas usadas por Jesus consiste em contar parábolas, tal como ocorre no capítulo 6 do profeta Isaías. O texto de Mt 20, 1-16 é uma parábola só encontrada neste evangelista, o que a torna mais preciosa. Ela também pode deixar (ou já deixou) muita gente desconsertada. Nela o autor coloca como personagens o senhor da Vinha, vários trabalhadores e o administrador dela. Para melhor entender a mensagem desta parábola vamos nos ater a alguns conceitos tais como: Reinado de Deus, Vinha, Chamado e Salário Justo. Levando em conta que a Palavra de Deus precisa ser compreendida conforme o contexto em que ela foi gestada, relembremos o contexto em que a parábola surgiu, evidenciando a ideia de gratuidade nela implícita contra a de retribuição e recompensa cada vez mais vigentes no mundo.

## CONTEXTO E CONCEITOS

### *A ÉPOCA DO EVANGELHO DE MATEUS*

Este evangelho foi escrito após o período em que Roma impôs seu domínio sobre o que hoje chamamos de povos do Oriente. Os romanos provocaram perseguições aos judeus, através do imperador Nero, a partir de 68 d.C e, com a destruição do Templo de Jerusalém (70 d.C.), os judeus se dispersaram e o grupo dos fariseus se fortaleceu dentro do judaísmo, por meio de suas leis cada vez mais rígidas. Quem não vivia as normas por eles estabelecidas não era considerado como membro do povo chamado por Deus. O grupo dos seguidores de Jesus sofria, portanto, dois tipos de perseguições: uma externa, por parte dos romanos, que impunham sua política e altos impostos, e outra interna, por parte dos fariseus, que impunham sua concepção teológica.

Nesse período, muitos camponeses perderam tudo, o que gerou muito desemprego. Mateus narra em várias parábolas a evidência deste contexto (por ex: 13,14-53e 21,33-44), inclusive, dizendo que alguns passavam o dia todo à espera de um trabalho, o que significa um alto índice de desemprego. Muitos judeus foram obrigados a viver na diáspora, longe e dispersos de suas raízes.

Nessa parábola (Mt 20,1-16), o preço oferecido pela diária de um trabalhador é de “um denário”, que não é uma oferta generosa, pois “um denário” é o que um adulto, pai de família, precisava para sobreviver “um dia” com os seus (Tb 5,15). Tratava-se de uma moeda feita de prata, com a imagem e inscrição do imperador romano e correspondia ao salário ordinário braçal de um dia (CARTER, 2002).

Certamente Mateus tinha este cenário social e religioso presente em sua mente quando redigiu esta parábola. Por isso, não é possível entendê-la fora do contexto no qual ela nasceu e de cada uma de suas partes. Não fica claro, no primeiro instante, a quem a parábola foi dirigida. Pelo contexto (Mt 19), supõe-se que seja aos fariseus, que defendiam a teologia da retribuição. Por essa teologia, entendia-se que Deus retribuía ao ser humano conforme este vivia. Toda ação boa merecia uma recompensa, e quando algo ruim acontecia, era Deus retribuindo uma má ação praticada pelo ser humano. Essa parábola é uma das melhores explicitações de Jesus sobre a idéia de recompensa, que era muito forte em todo o grupo de fariseus e, por extensão, entre os adversários de Jesus e de seus seguidores.

### *REINADO DOS CÉUS*

Um dos públicos do evangelho de Mateus era formado por conhecedores das Escrituras. Por isso, o autor coloca Jesus constantemente como o seu cumpridor. Por causa deles, o evangelista prefere usar uma expressão que lhe é própria, “dos Céus”, evitando assim, o tetragrama hebraico e obedecendo a indicativa de que o leitor de sua obra não iria pronunciar o nome Deus. A maioria das traduções bíblicas traduz esta parábola como “Reino dos Céus”.

Algumas poucas Bíblias (como, por exemplo, a Tradução Ecumênica da Bíblia e a do Peregrino) traduzem este vocábulo por “Reinado dos Céus”, o que parece ser a melhor tradução, uma vez que “Reino dos Céus” pode nos remeter mais a um local/lugar, onde

uma pessoa se faz soberana, “Reinado dos Céus” faz menção ao estado em si, algo ligado a um colegiado que vai além de um espaço geográfico. É um regime e, neste caso, ele é de “domínio dos Céus”. E, este é o caso deste texto mateano, pois se parece mais com a política trabalhista praticada pelo senhor da vinha.<sup>2</sup> Parafraseando o Concílio Vaticano II, pode-se dizer que este Reinado dos Céus se dá com a participação de todos, não só do Senhor, mas também de todos os operários e do administrador, pois “Cristo proclamou o seu reinado e ele o faz hoje através da hierarquia e também através dos leigos” (*Lumen Gentium*,30-35).

Este Concílio elucidou esta plural participação na construção do reinado de Deus. Todos são coparticipantes desta missão, cada um com seu dom (1Cor 12). Na medida em que cada pessoa assume uma missão nessa vinha, o reinado de Deus vai se tornando mais visível, uma vez que ele é mais comunitário.

#### VINHA

A vinha em si era protegida contra a destruição pelos animais por um muro ou uma cerca, e para aumentar a proteção, muitos donos da plantação mandavam construir uma torre de guarda (Provérbios 24,30). Com um investimento inicial significativo, a vinha logo passava a ser lucrativa, oferecendo frutos além da subsistência básica, ou seja: gerando lucro. Ela constituía um dos grandes meios de produção na Palestina e região, pois o vinho era produto de consumo interno e de comércio externo também.

Em outras metáforas, a Vinha é um dos modos de se referir a todo o Povo de Israel (Sl 80, 9s; Is 3, 14-15; 27,2s; Jr, 2,21s; 12,10; Ez 17,6; Os 10,1; e Jo 15). E o Novo Testamento associa a vinha-videira, ao próprio Jesus e os seus seguidores aos ramos(Jo 15), entendendo a união desses em Jesus. Posteriormente, a literatura dos Santos Padres – Patrística, vai aplicar a imagem da vinha à Igreja.

Antes dessa parábola, o próprio autor já havia chamado a elite religiosa da época de vinha que será arrancada, por não viver conforme a vontade daquele que a plantou (Mt15,12-13). Então, na parábola mateana, Jesus podia ter presente o convite feito a todos para que trabalhem na vinha do Pai: o Reinado dos Céus.

<sup>2</sup> Outros pesquisadores também adotam esta tradução, como Frank Matera, NotklerFuglister, Heinrich Shlier, Joachim Gnilka.

### *O BOM EMPREGADOR*

“O reinado dos Céus é como o proprietário que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. Combinou com os trabalhadores a diária e os mandou para a vinha” (Mt 20, 1-2). No capítulo 19, Jesus está no território da Judéia, tendo diante de si os seus discípulos e um grupo de fariseus. Devido à provocação dos fariseus, Jesus fala quais são as condições para segui-lo (acolher o seu convite/chamado e deixar tudo o que fazia até então, para tornar-se um dos seus seguidores e, posteriormente, um dos seus trabalhadores) e o que receberão por isso. O versículo 1, do capítulo 20, faz a ligação do capítulo anterior, mostrando a esse público como se pode comprar o reinado de Deus e, por conseguinte, como proceder para fazer parte dele.

O texto começa dizendo de algo que não é muito comum. Ele não age de modo surpreendente, não tendo como base a relação hierárquica (conforme exemplos dos chefes do capítulo 19 deste evangelho). É o próprio dono da vinha quem sai para contratar operários, e ele começa cedo. Esta é uma tarefa normalmente atribuída ao administrador. Todavia, aqui é o dono quem faz isto várias vezes ao dia. Pelo fato de ninguém se queixar durante as várias contratações, pode-se dizer que o senhor é um bom estrategista, e está fazendo tudo de acordo com a lei e os costumes dos trabalhadores de então.

### *O(S) CONTRATO(S)*

“Em plena manhã, saiu de novo, viu outros que estavam na praça, desocupados, e lhes disse: ‘Ide também vós para a minha vinha! Eu pagarei o que for justo’. E eles foram. Ao meio-dia e em plena tarde, ele saiu novamente e fez a mesma coisa. Saindo outra vez pelo fim da tarde, encontrou outros que estavam na praça e lhes disse: ‘Por que estais aí o dia inteiro desocupados?’ Eles responderam: ‘Porque ninguém nos contratou’. E ele lhes disse: ‘Ide vós também para a minha vinha’” (Mt 20, 3-7).

Note que o chamado foi sempre feito a grupos, nunca a uma pessoa sozinha, e que a necessidade de vários operários durante um mesmo dia indica que este homem possui uma grande propriedade. Ele próprio toma as decisões diárias na condução de sua grande vinha. Seu envolvimento no início da parábola prepara o confronto posterior.

Ele combina um denário como salário, somente com os trabalhadores da primeira hora, justamente os que vão murmurar e reclamar depois (versículo 11). Com os trabalhadores contratados durante o dia, Mateus diz que o senhor da vinha prometeu dar-lhes o que fosse justo (versículo 4). E aos contratados na última hora, curiosamente, o senhor da vinha não faz menção a nenhum pagamento. Apenas os manda ao local do trabalho.

O que eles vão fazer na vinha? Plantar? Cuidar da cerca? Fazer a torre? Colher? Parece que isto é irrelevante: todos aceitam o trabalho. Os trabalhadores aceitam ir, sem saber o que irão fazer. Eles todos foram contratados em uma praça de mercado. Trata-se de uma concentração disponível para tarefas mínimas do dia-a-dia, sejam elas agrícolas ou urbanas. Durante os plantios e as colheitas, este tipo de trabalho era facilmente disponível, mas isto não era comum nos intervalos de um dia, e sim no começo dele. A parábola enfatiza que a maioria dos trabalhadores não foi contratada no início da jornada. E os últimos contratados, apenas uma hora antes dessa jornada terminar, algo não muito comum de ser feito.

### *O QUE É “SALÁRIO JUSTO”*

“Ao anoitecer, o dono da vinha disse ao administrador: ‘Chama os trabalhadores e faz o pagamento, começando pelos últimos até os primeiros! Vieram os que tinham sido contratados no final da tarde, cada qual recebendo a diária. Em seguida vieram os que foram contratados primeiro, pensando que iam receber mais. Porém, cada um deles também recebem apenas a diária. Ao receberem o pagamento, começaram a murmurar contra o proprietário: ‘Estes últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor ardente’”(Mt 20, 8-12).

Conforme tradição judaica, a jornada de trabalho devia ser paga ao final de cada dia (ver: Lv 19,13, Dt 24,15 e Jó 7,2), e é nesta hora que surge o problema! Aos primeiros trabalhadores, o pagamento pareceu justo pela manhã (versículo 2) e à tarde já não lhes parece mais, por tratar-se da mesma quantia dada aos demais. Acontece que este senhor

acha justo dar a todos o mesmo salário. O problema não é cumprir o contrato com os primeiros (versículo 13), mas o que o senhor entende por preço justo.

A parábola não é uma apologia ao direito absoluto do senhor fazer o que quiser com os seus bens (versículo 14b), mas sim, uma questão básica sobre o que é justiça. O centro da parábola é a questão do salário justo. Ressalta-se que o foco principal dessa parábola não está na vinha ou no senhor, mas no acerto do dia de trabalho, pois há uma concepção diferente do que é justo. Na visão dos trabalhadores, não lhes parecia mais justo efetivar o que fora combinado, pois agora: justo seria pagar conforme a meritocracia. Esta também era a visão dos fariseus daquela época.

Na comparação com o reinado de Deus, a parábola mostra que a justiça de Deus está acima da formalidade desta justiça humana. Ele não se limita a cumprir a justiça legal, pelo contrário, “superou a lei da estrita correspondência entre trabalho realizado e retribuição, regulando-se segundo a bondade do seu coração, tomando como norma de ação não o critério econômico, mas o amor gratuito que qualifica o seu ser profundo” (BARBALHO, 1990, p. 305).

Para os trabalhadores da primeira hora, justo seria dar um pagamento diferenciado a quem trabalhou mais, independente do que havia sido combinado antes. Todavia, este não é o significado de justiça para o senhor, que traduz a concepção de justiça de Jesus. A justiça do senhor não se baseia na produção em si, mas nas necessidades dos trabalhadores. Esta parece ser de que todos os trabalhadores precisam pagar o mesmo preço pelos produtos de sua subsistência diária. Além disso, todo trabalhador tem o direito de poder viver do seu trabalho (Mt 10,10). Outro dado relevante é que os que trabalham menos não só recebem o mesmo que os demais, como recebem o seu salário antes dos demais. Mateus mostra que ser justo é fazer o que é bom para todos, a começar pelo lado menos garantido. (Desde 1891 até os dias de hoje, a Igreja tem insistido no que se entende por “salário justo” – como exemplo, cito: Rerum Novarum de Leão XII e L’Osservatore Romano de fevereiro de 2015, discurso do Papa Francisco).

Talvez esta não fosse a postura do senhor com aqueles que não trabalham por causa da preguiça. Embora na língua em que o evangelho tenha sido escrito, o autor use o termo: “*argoi*”, que significa: preguiçoso, os que estavam na praça sem trabalhar, não estavam nesta situação por causa da preguiça. Caso fosse, talvez tivessem respondido ao senhor que os

indagava: “– Acordamos tarde, o dia já está terminando, trabalharemos amanhã na sua vinha”. Mas não! Os trabalhadores encontrados na praça ao final do dia não tinham ido trabalhar porque ninguém os contratara (v. 7), e o senhor parece entender que a questão está no sistema trabalhista que não emprega todos os necessitados e, portanto, o peso não pode cair sobre o ombro dos pais de família que buscam trabalho e não conseguem.

Mateus enfoca que a gratuidade não é algo secundário, supérfluo no reinado de Deus, mas essencial! É sinônimo da bondade de Deus para com cada um que se coloca ao dispor para trabalhar na sua vinha, no seu reinado (versículo 15b). A justiça é a própria bondade de Deus. Na relação entre as pessoas, a justiça não é apenas um conceito a mais e sim uma prática exigente. E não há nada mais exigente que ser gratuito!

### *A MURMURAÇÃO*

“Então, ele respondeu a um deles: ‘Companheiro, não estou sendo injusto contigo. Não combinamos a diária? Toma o que é teu e vai! Eu quero dar a este último o mesmo que dei a ti. Acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com inveja porque estou sendo bom? Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos” (Mt 20,13-16).

Ainda no centro da parábola, o senhor verbaliza a razão de sua bondade e pergunta se os trabalhadores da primeira hora têm “olho ruim, porque ele é bom, se a bondade dele está incomodando-os” (Mt 20,16a). Trata-se de um olhar que petrifica a realidade, não dando lugar ao olhar da gratuidade. O ato de murmurar é algo que se faz presente em outros momentos. Por exemplo: na libertação das mãos do Faraó do Egito, em que, na primeira dificuldade no deserto, o povo reclama a Moisés (Ex 14, 11s; 17,3); no período dos profetas, quando o povo acha que Deus é injusto ao agir de acordo com a sua postura, reclamando aos profetas por sofrerem as consequências de suas próprias ações (Ez 18,25s; Jn 4,1-2); como também nas parábolas que apontam pessoas que já estão no caminho do Senhor e reclamam por não se sentirem tratados como acham que deveriam (Lc 15, 29-30). É neste sentido que a parábola mateana mostra a necessidade de se abandonar a murmuração, como condição para estar no reinado dos Céus, o qual condiz com sua bondade.

É compreensível que os primeiros possam murmurar, uma vez que eles representam a lógica dos fariseus, da teoria da retribuição; mas para estar no reinado de Deus, é preciso mudar esta lógica. Inverte-se a retribuição pela gratuidade. Os que se julgavam bem situados, talvez vejam com maus olhos o atual bem estar dos que trabalharam pouco, dos que estavam na praça até mais tarde.

A parábola é um alerta também aos seguidores de Jesus, sugerindo uma nova prática de vida. Os discípulos e discípulas foram os primeiros seguidores, e podem assumir a mesma postura dos primeiros trabalhadores da parábola mateana. Estes seguidores passaram pela tentação de discriminar: judeu-cristão e gentio-cristão, circuncidados e pagãos, etc.

#### UMA LEITURA SOCIAL E ECLESIAL

O convite do reinado de Deus acontece desde a madrugada (versículo 1) até o entardecer (versículo 6), ou seja: durante o dia todo. E é o próprio senhor (Deus) quem toma a iniciativa de ir ao encontro dos seus. É bom frisar que toda a Sagrada Escritura coloca o Senhor como quem toma a iniciativa de chamar os seus, desde Gênesis ao Apocalipse (Bento XVI, *Verbum Domini*, 22). Ele vai ao local em que as pessoas estão e as convoca a uma missão. E, na parábola estudada neste artigo, ninguém recusa seu chamamento, seja devido ao desemprego da época, seja devido ao modo como são chamados. O senhor possui o jeito certo de chamar cada um, e nunca faz de modo isolado, individualista, mas sempre junto com outras pessoas. A parábola enfatiza as duas dimensões do "reinado de Deus": chamado e envio constantes (CARTER, 2002). Aceitar este chamamento de Deus é receber a Graça: seu dom maior. Esta atitude ativa de agraciado possibilita o surgimento de algumas lideranças nessa vinha.

Embora cada um tenha seu tempo de responder ao chamado, e responde sem saber o que irá fazer exatamente, a parábola mostra que o importante é aceitar o trabalho na vinha e permanecer nela até o final. Somente ao estar nela é que se fica sabendo o que se irá fazer. Ou seja, a partir do momento em que a pessoa responde ao chamamento, ele vai para a vinha e, portanto, passa a fazer parte dela. O modo de mostrar que faz parte dela é assumindo um trabalho. Então, uma vez fazendo parte, passam a ter os mesmos direitos. Não importa qual o trabalho desenvolvido ou por quanto tempo a pessoa trabalhou: o salário é o mesmo para todos, pois todos necessitam desta quantia financeira para

sustentarem os seus! E, se não estão trabalhando, não é porque não querem, é por causa do sistema que não inclui a todos que querem “vender” sua força de trabalho! Esta é a mensagem evangélica para nossa sociedade capitalista!

O intercâmbio entre o senhor e os que estão na praça, ao final do dia é interessante. Começa mostrando a preocupação do senhor que vê o pessoal e vai logo perguntando como um insulto: “Por que estais aqui parados como preguiçosos” (reforço que é usado o verbo *argoi*, cuja melhor tradução seria preguiçosos - VAAGE, Leife, 1977). Parece que a parábola retrata a visão predominante dos que vêem a pobreza como uma questão ligada à preguiça. A esta indagação, os trabalhadores respondem: “–Porque ninguém nos contratou”. O modo pelo qual lhe é dada a resposta, faz com que o senhor os envie imediatamente para sua vinha. E eles vão, com uma única certeza: trabalhar; pois não lhes fora dada nenhuma garantia do que iriam receber por apenas uma hora de trabalho.

A parábola ensina que o reinado de Deus não se estrutura sobre leis de haver e dever. Ele é estruturado sobre o dom de Deus e sua graça, que precedem sempre e é para todos. Todavia, necessita da adesão dos que são chamados. Ensina que “o ser justo” precisa exceder ao critério de justiça dos fariseus, que é baseada na lei da retribuição (Mt 5,20). Para o senhor, o proprietário da vinha, o critério de salário justo está em ver as necessidades dos seus trabalhadores e usar da bondade e da gratuidade para que cada um tenha o seu sustento.

#### *O CHAMAMENTO E AS “PRAÇAS”*

Para entrar neste reinado basta querer trabalhar nele? O convite é feito constantemente, pelo próprio senhor que vai atrás de todos os operários durante todo o dia. Isto nos mostra que o reinado é lugar aberto para todos os que acolhem o seu convite de coração. E, este convite precisa ser feito à luz desta parábola: pelo responsável primeiro da vinha. Este senhor não fica questionando o que as pessoas sabem ou não fazer, apenas manda cada grupo para a vinha. Note-se que não se entra na vinha para exercer apenas uma determinada função pré-qualificada, e sim para trabalhar nela, naquilo que for necessário, de acordo com a condição de cada um. E isto se descobre estando nela! O mais importante no início, então, é abraçar o primeiro chamado.

Pesquisadores bíblicos nos mostram que o significado central da parábola é eclesiológico, mostrando que a Igreja é esta nova realidade da vinha. É a Igreja dos seguidores que partilham sua missão e estão destinados a serem operários da vinha, do reinado iniciado com a obra de Jesus. São servidores que seguem Jesus numa comunidade de irmãos que se colocam à disposição para a missão (a este respeito, ver: BARBALHIO, 1990).

Sabemos que o “Reinado de Deus” está presente na Igreja e que vai além dela. Ela constitui, já aqui na terra, germe desse reinado, mas não a sua totalidade. Reinado, portanto, é mais abrangente que a Igreja, se faz presente na diversidade de ministérios organizados e constituídos por grupos que se colocam a serviço da vontade do senhor que os chamou-chama a trabalhar ( *Lumen Gentium*, 5-8). A partir dessa parábola, é possível dizer que Jesus afirma ser a Vinha algo necessário no seu reinado, uma vez que estas realidades passam a ser próximas: Vinha/Reinado/Comunidade. Uma Comunidade composta por pessoas que vão à vinha e nela descobrem o que fazer. E não simplesmente pessoas que se dizem pertencer a uma instituição chamada Igreja. O Reinado é mais abrangente!. O chamamento posto na parábola aqui analisada é para ser parte da Vinha, o que vai além do que simplesmente ir a uma igreja.

Parece-me que esta parábola está ensinando a não dizer primeiro ao que está fora das atividades eclesiais, que trabalho deveria fazer na Igreja, antes mesmo dele ser Igreja (a este respeito, ver: discursos do papa in *L’Osservatore Romano*). Primeiro é preciso que a pessoa esteja na Igreja, para, fazendo parte dela, descobrir que tipo de atividade pode exercer. E se há pessoas que ainda não estão nesta vinha, talvez seja porque ainda não foram chamadas no local em que estão. Se assim for, elas não são culpadas. Em outras palavras: se há pessoas que ainda não descobriram seu chamamento, sua vocação, talvez seja porque os que já estão na vinha não foram até onde elas estão para chamá-las. Isto aumenta a responsabilidade de quem está à frente da vinha, aquele(s) que representam o senhor da vinha. Estes são impulsionados a irem ao encontro das pessoas, convidando-as no local e na hora em que se encontram para fazerem a experiência de estar na vinha. É como se a parábola estivesse dizendo aos representantes da Igreja – senhores da vinha, que eles devem sair de sua zona de segurança, de seus escritórios, de suas salas de conforto e irem “às

praças” onde estão aqueles que ninguém os chamou para estarem nestas respectivas vinhas-igrejas.

A parábola propõe algo novo, tanto para os primeiros ouvintes daquela época, como para a atualidade. Naquela época, esperava-se o Messias, aquele que iria salvar o povo de Israel da opressão. Nos relatos do Primeiro Testamento já se percebe ardorosamente a espera pelo grande dia em que Deus haveria de manifestar sua glória, enviando o libertador. Os profetas predisseram o tempo em que esta glória se daria. Este profundo senso de antecipação e de desejo de verem todos sob o domínio dos Céus continuava vigorosamente no tempo de Jesus e ainda é presente no nosso meio. Por exemplo: João Batista pregou que este reinado estava chegando (Mt 3,2) e José de Arimatéia esperava o reinado de Deus (Mc 15,43); hoje se vê pessoas que sofrem e esperam libertar-se de tamanha opressão: física, mental, social, econômica, psicológica, religiosa etc. A parábola tenta explicitar esta realidade do reinado de Deus presente no cotidiano!

Para se fazer presente, esta realidade exige uma mudança de mentalidade. Jesus mostra que, para sua efetivação, se faz necessário que as pessoas sejam chamadas constantemente e se comprometam pelo trabalho e não pela retribuição. Este compromisso não combina com o compromisso competitivo que a sociedade moderna (ou pós-moderna, como dizem alguns), ensina. O neoliberalismo prega a competição afirmando que o salário tem a ver com a produção. Não dá para misturar um pouquinho do evangelho com um pouquinho dessa cultura. Afinal: “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24). Em um mundo onde a competição provoca desigualdades, a parábola diz que, no reinado de Deus, deve-se privilegiar os que o mundo coloca em desvantagem, pois para o reinado de Deus, “os últimos serão os primeiros” (Mt20,16).

## IMPLICAÇÕES

Todo chamamento implica uma missão. Esta parábola através da expressão: “ide para”, lembra a missão implícita em toda vocação, seja “os da primeira ou da última hora”, seja através da vocação à vida ou vocação especial de consagração. O Senhor está chamando e enviando a todos, só dependendo da resposta pessoal para fazerem parte da vinha e receberem o justo salário.

Se a Bíblia tem sempre uma atualidade, é por isso ela tem algo a dizer ao mundo contemporâneo, então seu ensinamento de justiça, de salário justo, de sair ao encontro do necessitado é para ser vivido por líderes religiosos, mas também por você e por mim. Ou seja, se a Palavra de Deus é atual, concluímos que toda a mensagem desta parábola também é dirigida à atualidade. Ou seja, todos os trabalhadores da Vinha, recebem o mesmo salário. Independentemente do que estejam fazendo ou por quanto tempo estejam no trabalho. Isto reafirma a gratuidade do Reinado e esta preocupação de Jesus está presente também em outros momentos do evangelho (Mt 19,30; 21,31; 22,14).

Concluindo, podemos afirmar que a mensagem de Jesus aplica-se também a todas às lideranças de hoje, motivando-as a recrutar os que não estão "na Vinha". Chamando-os a todo instante. Este chamado acontece nos momentos existenciais (da manhã ao anoitecer da vida) e no momento cronológico (o dia todo). O que nos conforta é sabermos que no final da jornada todos receberão o mesmo salário, porque isto é o que é Justo.

Baseados neste texto mateano, podemos dizer que ser da vinha de Jesus é atualizar constantemente esses tipos de relações indo ao encontro do outro, rompendo com a teologia da retribuição e vivenciando a gratuidade. O estar na vinha tem primazia no chamado, ou seja: o chamado de qualquer pessoa é para estar na Vinha/Reino/comunidade e este se faz na hora e no momento em que encontra o outro. A missão, o apostolado, o trabalho em si, o fazer, é posterior ao estar no local do trabalho. As particularidades dessa parábola são muito dizíveis para os seguidores e servidores da vinha de Jesus no mundo de hoje. Ser de Jesus é atualizar constantemente estes tipos de relações.

É perceptível hoje, tanto em comunidades religiosas, nas ONG's, a escassez de homens e mulheres que se doam no serviço do Reinado dos Céus. No caso das Igrejas, é comum observar pessoas com várias funções, ministérios, em uma mesma comunidade, e a grande maioria: mulheres. Isto provoca uma sobrecarga de afazeres em todos estes grupos. Como reverter este quadro? Pensamos que a compreensão dessa situação pode ser iluminada pela parábola aqui analisada. Podemos dizer que, conforme o texto de Mt 20, 1-17, as lideranças, os representantes "da vinha", deveriam ir até as praças onde estão as pessoas disponíveis para o trabalho, mas, parece que na maioria dos casos, as lideranças ficam na vinha, esperando que as pessoas as procurem por trabalho, ou seja, não saem do próprio local da vinha para enfrentarem a insegurança de procurar "desocupados" nos locais destes.

A lógica vocacional de Mateus impulsiona a ir ao encontro das pessoas que ainda não estão atuando na comunidade e a chamá-las para que façam a experiência de estarem na vinha do Senhor. E, uma vez estando na comunidade, descobrirem seus dons, talentos, carismas e exercerem um ministério em prol da vinha como um todo. Este chamamento se dá não somente nas praças em que estas pessoas estão, mas também se dá a todo instante (da manhã à tarde). A parábola parece estar dizendo que sempre é hora de ir ao encontro das pessoas, sabendo que, no final, todas receberão o mesmo salário!

Curioso é notar que os horários mencionados na parábola são justamente os horários tido como momentos de oração. Ou seja, os judeus possuem o costume de santificarem o dia, dedicando alguns momentos dele para a oração. Pede-se que pare de fazer o que se está fazendo e, volte-se para o Senhor através de um momento orante logo ao levantar, às 09h, ao meio dia, às 15h e ao final do dia. A Igreja católica adotou esta linha de pensamento especialmente através de seus clérigos, que assumem o compromisso de perpetuar este costume, de modo especial com a “Liturgia das Horas” – livro que contem orações a serem feitas, justamente nestes horários (além de uma outra para se fazer antes de ir dormir). Jesus conta a parábola dizendo ser justamente nestes horários que o senhor da vinha foi ao encontro dos necessitados de trabalho e teve o encontro com eles. Estaria Jesus dizendo que os momentos de oração são também momentos de ir “às praças” e convidar os que estão fora para fazerem-se membros da vinha? E, não seria esta mensagem uma alerta ao sistema capitalista, que não paga o necessário para os trabalhadores sustentarem os seus?

## REFERÊNCIAS

ANGELIS, Sandra de. O jovem vocacionado. *Rev. Paróquias e Casas Religiosas*. Ano 5, N. 25, julho/agosto de 2010, p.30-32.

BARBALHO, Giuseppe. *Os Evangelhos*. v. 1. São Paulo: Loyola, 1990.

BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal: Verbum Domini*. Brasília: CNBB. 2010.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: Comentário sócio político e religiosos a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus. 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática: Dei Verbum*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática: Lumen Gentium*. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, Papa. Discurso in 20 de fevereiro de 2015, in: *L'Osservatore Romano*. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/es/news/ayuno-de-injusticia>. Acesso em: 16 de junho de 2015.

FULISTER, Notkler e SHLIER, Heinrich. *Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica: A Igreja*. v. IV/1: *Eclesiologia Bíblica, Mysterium Salutis*, Petrópolis: Vozes, 1975.

GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. *Teologia da Vocação: temas fundamentais*. São Paulo: Loyola, 1999.

MATERA, Frank. *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1999.

MESTERS, Carlos. Rezando o evangelho do dia: 20 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.senhadorosario.org/2012/08/quarta-feira-da-20-semana-do-tempo-comum.html>. Último acesso em 16 de junho de 2015.

PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Mateus*. Petrópolis: Vozes, 2013.

STEFANI P. *Meshalim e parabolainelle Scritueebraiche e nella letteratura intertestamentária e rabbinica* = *CredeOggi*, no. 13, 1993.

VAAGE, Leife. Jesus economista no evangelho de Mateus. In: *Ribla*, 27. 1977/2.

ZUMSTEIN J. Mateus, o teólogo. *Cadernos Bíblicos* 48, São Paulo: Paulinas, 1990.

(Recebido em abril de 2015; aceito em maio de 2015)